



André Pomponet

Os chineses na paisagem feirense

André Pomponet - 12 de maio de 2019 | 11h 15

Anos atrás realizei uma antiga aspiração: conhecer Campina Grande, a dinâmica cidade do interior paraibano. Saí num início de manhã de João Pessoa de ônibus e, durante toda a viagem, caiu uma garoa fina que encobria os juremais. Numa poltrona próxima alguém comentou, feliz, que as chuvas daqueles dias tinham caído sobre todos os municípios paraibanos. Em Campina Grande o tempo abriu e surgiu um sol cálido. Era julho.

O desarranjo dos deslocamentos atizou a fome logo que cheguei à cidade sertaneja. Numa incursão por uma fervilhante rua comercial – o centro das cidades nordestinas é sempre prenhe de gente, de sons, de movimento – encontrei uma pastelaria com aspecto agradável. Lá, a surpresa: o estabelecimento era tocado por diligentes chineses que mal articulavam meia-dúzia de palavras em português. Pasma, constatei que as incursões dessa gente tinham alcançado até o pedregoso sertão paraibano.

- Todo lugar tem chinês hoje – Sempre comenta alguém, espantado.

É verdade. Discretos, silenciosos, sisudos e, muitas vezes, pouco dispostos ao diálogo com estranhos, os chineses estão presentes em boa parte das grandes metrópoles do planeta. Foram precedidos por seus produtos, que estão espalhados por todos os cantos. Nas andanças da vida, comprei em Bruxelas uma camiseta cinza *made in China*. E, em Montevidéu, uma vistosa sandália que parecia artigo da indústria local atravessara o planeta e viera do distante país asiático.

Afamado entreposto comercial do interior do Nordeste, a Feira de Santana, obviamente, entrou na rota do *tsunami* mercantil chinês. Aqui eles chegaram não apenas com seus produtos – boa parte dos feirenses recorre aos preços mais acessíveis das mercadorias daquele país – mas muitos orientais que foram se incorporando à paisagem local. Alguns – sobretudo as crianças – já exibem até o jeito espontâneo do brasileiro.

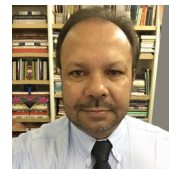
Lojas de bolsas, de artigos plásticos e de incontáveis quinquilharias já contam com rostos chineses despachando no balcão, embalando mercadoria, recebendo pagamento e providenciando troco. Quem transita pelos corredores do Feiraguai, às vezes, tem a sensação de circular pelo país asiático, tantos são os rostos orientais nos balcões de vidro. E, é claro, os chineses capitaneiam muitas pastelarias no centro da Feira de Santana.

No passado, o Brasil já acolheu levas de italianos, japoneses, espanhóis e portugueses, sobretudo nos períodos de guerras e de crises econômicas. Hoje o fenômeno é muito diferente: não há deslocamentos maciços, nem guerras, mas os fluxos são frequentes. Certamente isso vai representar um elemento singular na intensa miscigenação cultural que o Brasil experimentou, apesar dos episódios de xenofobia que, às vezes, ganham o noticiário.

CHARGE DA SEMANA



COLUNISTAS



César Oliveira

Bolsonaro diz que vai c
tabela do Imposto de R

Os partos, as mortes, o



André Pomponet

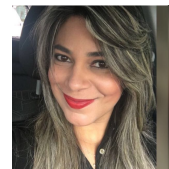
Os chineses na paisage

Garoa é promessa de f
inverno

Valdomiro Silva

O incrível quarto gol do
que despachou o Barce
pra históriaAs decisões pelo Brasil
partida do Bahia de Fei

Arena Fonte Nova



Emanuela Sampaio

Dr Nadson é o aniversa
dia

João Durval completa 9



César Oliveira-Crô

Sou de todo mundo e t
é meu também

A fome

AS MAIS LIDAS HOJE

1 Os chineses na paisagem feirense



Clique para ativar o plug-in Adobe Flash Player

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Garoa é promessa de fartura no inverno

Emprego formal se reduz no primeiro trimestre em Feira

Arma agora é instrumento de trabalho de jornalista

2

Após reabertura da fronteira, 893 venezuelanos entraram no Brasil

3

Postagens de Carlos Bolsonaro irritam e ameaçam projetos do governo

4

Mega-Sena: aposta feita pela internet gerou sozinho R\$ 289 milhões

5

Bahia de Feira vence o Serrano-PB e as lideranças do grupo na Série D

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)